**CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO POPULAR A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE QUILOMBOLA NA COMUNIDADE DE MACAMBIRA – LAGOA NOVA/RN**

Discente: Francimária Victor Araújo

francimaria.victor@gmail.com

Professor: Luiz Gomes da Silva Filho

luizgomes@ufersa.edu

# Resumo

Este trabalho consiste em estudar  a construção da identidade dos alunos e alunas dos da comunidade Quilombola, de Macambira  localizada na cidade de Lagoa Nova – Rio Grande do Norte,  o trabalho desenvolveu-se na Escola Municipal São Luiz, tanto em seu aspecto coletivo como individual. Uma vez que a construção de identidades passa tanto pela dimensão social como subjetiva Apoiará nosso trabalho de pesquisa a imagem e discurso que a instituição passa sobre a questão do negro, do escravo e do afrodescendente, tendo por base analisar a metodologia dos professores nessa temática e por último verificar como os alunos e alunas remanescentes quilombolas estão construindo suas identidades com essa nova versão da história de seus antepassados. Para fundamentar a pesquisa, contamos com leituras de autores que já discutem a questão de racismo, identidade afro-brasileira, descendentes de remanescentes quilombolas e da identidade negra tais como: Fonseca (2009), Santos (2002), Barbosa et all (2004),Lopes(2006), Hermandex (2005), Zamparoni (1995), entre outros, aqueles que trabalham com currículo Silva (2007), Moreira (1992), educação popular Freire (2006), o modo de ver e falar do outro Said(2007) e as relações de poder Bourdier (1998), e cultura Bhabha(1998). E por fim, sobre a identidade Hall (1997).

**Palavras-chave:** Identidade, Macambira, Quilombolas.

EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS COMO UM PRINCÍPIO EDUCAÇÃO POPULAR

A educação é um fenômeno complexo, dizemos diferente em todos os ângulos, composto por um grande número de correntes, vertentes, tendências e concepções, enraizadas em culturas e filosofias diversas. A interação entre esses modelos nem sempre ocorre de forma pacífica, essa relação é conflitante, uma vez que é política, é disputa e, nesse sentido coadunamos com Freire (2011) quando afirma que a educação dominante é a educação da classe dominante. Assim cabem as abordagens marginalizadas, como a educação das comunidades tradicionais, fazer a contra hegemonia e disputar os espaços.

Como toda educação é política, ela não é neutra, pois necessariamente implica princípios e valores que configuram certa visão de mundo e de sociedade. Daí existirem muitas concepções e práticas na educação. Não dá para falar de uma educação em geral, separando-a de seu contexto histórico. É preciso definir de qual educação estamos falando e, a partir de que ponto de vista, pois como nos explicara Leonardo Boff (1998) todo ponto de vista é a vista a partir de um ponto. Assim, é precisamos indicar de que lugar, de que território, com quais sujeitos está falando.

Estudos no campo da identidade, da diversidade étnico-racial vêm abordando aspectos importantes da influência das práticas sociais na constituição dos sujeitos, na consolidação e/ou submissão de diferentes grupos sociais, diferentes identidades, bem como das relações de poder envolvidas nesse processo. Estudiosos como o Freire, vêm contribuindo para a reflexão sobre as influências do processo histórico de conscientização dos povos nos modos de se fazer educação no Brasil, na Região Nordeste, e neste trabalho, mais precisamente Rio Grande do Norte, Cidade de Lagoa Nova, Situada no Seridó Oriental, Serra de Santana, na Comunidade Macambira.

Aponta-se que o sistema educacional tem contribuído com sua parcela na reprodução BAURDIEU (1982) das desigualdades políticas e sociais que assolam as populações negras. Porém, é preciso entender que essa reprodução não ocorre de forma inexorável, mas também é disputada. Se fosse uma reprodução mecânica e inevitável não poderíamos contar hoje com uma rede de educadores e educadoras progressistas que pensam a educação enquanto instrumento de mudança social.

 Na Macambira as diversas etnias destacam-se tanto pelos fatores de negação quanto pela afirmação de identidades.

 È sabido que o resgate da identidade negra em nossa cultura é tarefa árdua, na medida em que essa foi massacrada, descaracterizada e reduzida, o que levou a transformar-se numa distorção da cultura africana original. O nosso povo, em grande parte negro e mestiço, tem como imagem refletida um modelo não correspondente à cor de sua pele, incorporando características que pertenceram aos colonizadores (FREIRE, 2011; FANON, 1961)

A procura por justiça e pela afirmação de um povo, de uma comunidade ou de uma maioria, ou mesmo de um tipo comunitário, através do processo educativo no sentido da afirmação de suas identidades, tornou-se traço fundamentalmente necessários. Essa discussão passa por intelectuais, que atuam no campo da Educação Popular, Paulo Freire e Carlos Rodrigues Brandão, Moacir Gadote por exemplo. Em obras como, “Educação como Prática de Liberdade” e “Pedagogia do Oprimido”, evidencia-se o entendimento de popular como sinônimo de povo, de trabalhadores. Daquele que vive sem as condições elementares para o exercício de sua cidadania plena. Por isso, alinha-se toda a debate da temática étnico racial a concepção de educação popular, umas vez que esta, é pressuposto fundamental para um educação libertadora, radical e contra hegemônica.

A Educação Popular tem como ponto de partida a realidade do oprimido e pode se tornar uma ferramenta importante nos processos de libertação individual e coletivo. Uma educação que carrega consigo procedimentos que incentivem a participação, ou seja, um meio de veiculação e promoção para a busca da cidadania, compreendida em suas dimensões crítica e ativa. Uma educação que contribui ao exercício de cobranças das ações políticas geradas em nome do povo e que também possa incentivar aspectos éticos e utópicos que, para os dias de hoje, se tornam uma exigência social.

Uma teoria de conhecimento que se externa pela busca por conhecimento que vai ao sentido do fazer história. Segundo Freire: (ano, p.17) “também se faz história quando, ao surgirem os novos temas, ao se buscarem valores inéditos, o homem sugere uma nova formulação, uma mudança na maneira de atuar, nas atitudes e nos comportamentos”.

É um trabalho humano, a educação popular, em que se dá em e pela prática do indivíduo, enquanto humaniza a natureza e a dimensão de ser humano. Precisa mostrar a sua verdade, qual seja: “para mostrar sua verdade, tem que sair de si mesmo, plasmar-se, adquirir corpo na própria realidade, sob a forma de atividade prática” (Freire, 2006).

Contendo uma metodologia que mostra “a possibilidade de serem protagonistas do processo de sistematização, reorganização e reelaboração do conhecimento, e que possam caminhar para estabelecer uma nova síntese entre o chamado conhecimento científico e o saber que provém de sua própria prática coletiva de classe” (FREIRE, 2006, p. 48) Como possibilidade para desenvolverem atitudes e habilidades como orientar, dirigir e organizar debates e reuniões, sistematizar e expressar ideias e opiniões; reunir, criticar e sintetizar informações; perceberem a importância e a necessidade da organização e da troca de informações entre os próprios trabalhadores.

A Educação Popular exprime um conteúdo que se origina na realidade, adquirindo diferenciadas modalidades de trabalho pedagógico, pois ele está dirigido e dirigindo para os moradores de periferias de cidades, aos camponeses e a todas as outras categorias de pequenos produtores rurais de trabalho direto, incluindo a educação indígena, e étnico racial.

A família é a principal instituição responsável pela educação informal, através da qual são ensinados os costumes humanos como falar, andar, comer, religião, cultura, já a escola é instituição responsável pela educação formal local onde acontece a mediação dos conhecimentos científicos. Para Siqueira (2004, p.43) “A pessoas se educa se constrói em diversos ambientes- a escola é mais um ambiente que se soma a estes outros- e a partir de diversas experiências”. Mediante essa afirmação, percebe-se que a escola tem a função de oferecer a formação pelo qual o educando torna-se capaz de fazer análises científicas, críticas e reflexivas a respeito do seu cotidiano.

**Referências**

BEISIEGEL, Celso de Rui, Politica e educação popular (A teoria e prática de Paulo Freire no Brasil), Ensaios – 85. São Paulo: Editora Ática, 1992.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_\_\_. Pedagogia do oprimido. 50 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

\_\_\_\_\_\_\_. À sombra desta mangueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

GADOTTI, Moacir. Por uma política nacional, de educação popular de jovens e adultos. São Paulo: Moderna, Fundação Santillana, 2014.